

O silêncio falante e as águas de *Kianda*¹

The Speaking Silence and the Waters of Kianda

Ana Rita Santiago*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

25

RESUMO: Este texto apresenta o livro *O leito do silêncio*, da escritora angolana Isabel Ferreira. Tem como objetivo tecer leituras descritivo-interpretativas dos seus 53 poemas. Águas e silêncios, no livro, desfilam como significantes entoados, metaforicamente, em diversos ambientes, estados e circunstâncias. Neles denotam-se ecos de uma Angola pós-guerra, entrecruzada entre a tradição e o contemporâneo, mas também de memórias de tempos e histórias que se quer lembrados, ressignificados e outros esquecidos. São gritos poéticos, ainda, por vezes, silenciados por novas vozes dominantes que se impõem em travessias e rios, ameaçando liberdades poéticas e culturais conquistadas. São alaridos e bramidos líricos que rompem com palavras cerceadas e práticas de interdição, atribuindo assim à palavra poética sentidos e funções de lâminas e objetos cortantes.

PALAVRAS-CHAVE: Isabel Ferreira - *O leito do silêncio*. Águas. Silêncios. Memórias.

ABSTRACT: This paper presents the book *The Silence Leito*, by Angolan writer Isabel Ferreira, and aims to make descriptive and interpretative readings of her 53 poems. Water and silences are significant intoned, metaphorically, in different environments, conditions and

¹ Em quimbundo, língua banto, a sereia é conhecida como Kianda. Em rios, lagos, poços, reservatórios... de água pode ter uma Kianda. Mas a rainha das Kiandas mora mesmo no mar. A sereia das sereias! Ela é considerada a mais poderosa de todas as Kiandas. Em Angola, ela é amada e venerada e, normalmente, os pescadores lhe oferecem um presente e buscam nela proteção.

* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

circumstances. Denote them up echoes of a post-war Angola, but also times and stories memories of times that they want to remember. Are poetic cries, still sometimes silenced by new dominant voices that are imposed crossings and rivers, threatening poetic and cultural freedoms won.

KEYWORDS: Isabel Ferreira - *The Silence Leito*. Waters. Silences. Memories.

Algumas palavras iniciais

O leito do silêncio, mais que um título, é um prenúncio de múltiplas vozes que cantam no livro de poesias da escritora angolana Isabel Ferreira². Suas tessituras literárias arrebatam o/a leitor/a e o/a arremessam aos vários ambientes, estados e circunstâncias que envolvem e corporificam os diversos silêncios e as múltiplas águas entoados nos poemas. Diante disso, este texto tem como objetivos apresentar leituras descritivo-interpretativas de tais dicções literárias, bem como promover a sua circulação entre circuitos artístico-culturais e acadêmicos e colaborar com a formação de público leitor das obras de Isabel Ferreira, em especial, de *O Leito do Silêncio*, destaque deste texto.

Em seus 53 poemas, denotam-se ecos de uma Angola pós-guerra, mas também de memórias de tempos e histórias que se quer lembrados, semelhante ao que já fora abordado por Michael Pollak (1989; 1992), ao se referir às possíveis imbricações entre memória, lembranças e esquecimentos. São gritos poéticos, por vezes, silenciados por novas vozes dominantes que se impõem em travessias e rios, ameaçando liberdades poéticas e culturais conquistadas. Nos seus versos desponta um convite singular ao/à leitor/a a encantar-se com um silêncio falante: ora com voz aguda, estrondosa, excitada e estridente, ora com voz

² Isabel Ferreira já participou de diversas antologias e publicou as seguintes obras: *Poesia - Laços de amor* (Luanda, 1995); *Caminhos ledos* (Luanda, 1996); *Nirvana* (Luanda, 2004); *À margem das palavras nuas* (Lisboa, 2006) e *O leito do silêncio* (Luanda, 2014). Romances - *Fernando D'Aqui* (São Paulo, 2005); *O guardador de memórias* (Lisboa, 2008). Contos - *O coelho conselheiro; Matreiro e outros contos e Que eu te conto* (Lisboa, 2012).

suave e acalentadora. Ambas enunciam e, a um só tempo, anunciam, poeticamente, memórias, dissabores, lutas, utopias, perdas, alegrias, amores, tristezas, paixões e partidas. Circulam também, nos versos, signos e significantes, relacionados às águas, que se apresentam para além de seus lugares de concentração, tais como rios, mares e oceanos. Silêncios e águas são, pois, personificados e elementos e não apenas moradas de memórias, como são apresentados neste texto.

O silêncio dissonante e cantante

Em poemas de *O leito do silêncio* transitam vários tons: o afetivo, o irônico, o político e o utópico. Com esses últimos, desejos e lembranças individuais e coletivas imbricam-se, como nos versos de “Outros Tempos...”.

São vossos os meus medos.
São minhas as vossas partilhas!
A voz do nosso silêncio ilude o vosso discurso...
Os nossos olhos alongam o traço da vossa decadência!
Antevejo o documentário da vossa ruína...
E a história da minha história, sem pão, não mais será minha.
Será de todos os que lutam pela equidade...
Outros tempos... trarão fim à vossa opulência...
Em uníssono ouviremos:
“E nova onda se levanta para a luta
E ainda outra e outra
Até que da violência
Apenas reste o nosso perdão” (FERREIRA, 2014, p. 19).

É um canto a uma nova nação que se quer livre, justa e igualitária. Figura-se, nesses versos e em tantos outros que estão em *O leito*, o desejo literário de trazer à cena a construção da identidade nacional, bem como (re)encontros com legados culturais e ancestrais, presentes em vários discursos literários de escritores(as) africanos(as) de países de língua portuguesa, tal como Moema Parente Augel (2007) acentua em *O desafio do escombros - nação, identidade e pós-colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau*, ao tratar de possíveis relações

entre literatura e identidade nacional em Guiné Bissau.

O silêncio, como personagem, tem uma voz que presentifica histórias de outros tempos, bem como renova seus sonhos e compromisso por uma pátria livre de violências e injustiças. Personificado, ele irrompe com o apagamento de sua e de outras vozes e memórias, vividas no cotidiano e em múltiplos espaços, pois, segundo Jacques Le Goff (1996), a memória está em lugares para além dos hegemônicos como arquivos, museus, memórias, bibliotecas, livros, parques etc., onde, convencional e historicamente, guardam-se o vivido, histórias e eventos. Esses são considerados, na maioria das vezes, como únicos e exclusivos espaços de arquivamento de recordações e lembranças. Para ele, entretanto, prédios, ruas, casas, praças, jardins, cemitérios, prédios públicos e privados, ambientes naturais, dentre outros, inclusive, são lócus efetivos de conservação de histórias e memórias, como também afirma Pierre Nora (1992), ao considerar que cheiros, gostos, monumentos, culinária, calendários, dentre outros, também abrigam fios, fiapos e ficcionalizações de histórias e memórias.

Além de tais espaços, necessário se faz apontar as pessoas-memórias, das sociedades de tradição oral, arquivistas, por exemplo, haja vista que se constituem como outros relevantes lugares e segmentos de construção de memórias. Pertinente, neste íterim, trazer à tona os Arquivos vivos, ou seja, aquelas pessoas que Hampaté Bâ (1997) designou de Memória/Tradição viva, bem como grupos e comunidades que recriam e constroem memórias através da tradição oral.

Esses territórios e figuras podem aguaritar recordações, criar e contestar memórias, pois os lugares de memórias não são apenas os documentos, mas também os espaços materiais e imateriais, individuais, familiares e comunitários, em que o eu e o nós entrecruzam-se. Le Goff (1996), inclusive, ao fazer uma abordagem sobre memória e suas relações com a história apresenta outras e discute suas múltiplas possibilidades: memória

individual/coletiva; memória como narrativa, identidade; memória como conteúdo psíquico; memória social, memória étnica; funções da oralidade e da escrita na construção da memória, dentre outras.

Neste sentido, relevante se faz entender as memórias não tão somente como um produto pessoal, mas como um legado de caráter familiar, grupal e social, a que se refere Ecléa Bosi (1994), já que são compostas por acontecimentos, diversos espaços, sentimentos, simbologias, personagens, pessoas e imaginários que transitam entre o passado e o presente e entre o individual e o coletivo. Por e com as memórias individuais e coletivas, pois, podemos voltar ao passado, revivê-lo, reinventando-o e, concomitantemente, torná-lo presente para a coletividade. Nesta perspectiva, compreendemos os anseios da voz poética de “Outros Tempos...”, tão imbuídos e cotejados por experiências, utopias e sentimentos.

São vossos os meus medos.
São minhas as vossas partilhas!
A voz do nosso silêncio ilude o vosso discurso...
Os nossos olhos alongam o traço da vossa decadência!
Antevejo o documentário da vossa ruína...
E a história da minha história, sem pão, não mais será minha.
Será de todos os que lutam pela equidade...

O ato de recordar, nesta direção, também é enfrentar outros desafios e lutas para os próximos tempos. A voz poética reconhece que o silenciamento de sua voz e do seu grupo social desnobre a esperança e fortalece o fracasso. Neste sentido, ao lembrar, ela não apenas rememora cenas e eventos, que ela quer lembrados tão somente no presente, mas também abandona o que ela deseja que seja olvido e indica que em outros tempos a alternativa é seguir juntos na luta por outras independências e conquistas. Rememorar é, performaticamente, nos versos, uma sinalização de críveis deslocamentos de vozes subjugadas e silenciadas.

Mediante a negação da liberdade e o cerceamento de lutas, soam gritos

silenciados, dos quais certamente advirão reversão, reescrita de sua história e invenção de narratividades como no poema acróstico Nelson Mandela.

Negaram o voo às andorinhas. Como opção, circundaram a acção.
Evocou a irmandade africana...
Ladeando espíritos encrespados
Sentiu no longínquo os passos da equidade.
Ouviam-se silêncios de espera...
No ideal a palpar pombas negras, brancas a arrulhar, a florir...

Mandaram calar as vozes! Sem vós as gargantas ficaram sem voz!
Aurora não via a hora da Primavera.
Negaram-vos o Sol e a sintonia surda dos sons sem tons...
Dentro do mundo, um mundo solípso
Ergueram-se ondas e águas agitadas
Labaredas contra os solstícios.
A profecia cumpria a vontade divina!
O perdão ergueu Madiba! (FERREIRA, 2014, p. 11).

Memórias individuais saltam, ao longo dos versos, se confundem e, quiçá, se confluem com memórias coletivas, conforme Maurice Halbwachs (2006) e a Nora, ao se reportarem às modalidades de memórias.

[...] A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas transferências, cenas, censura ou projeções [...] (NORA, 1993, p. 9).

Coadunadas, evocam e reinventam vozes e utopias sufocadas, forjando memórias subterrâneas. Assim com memórias abrangentes, a voz poética traz à tona um ícone – Nelson Mandela – de resistência e dedicação plena em prol da liberdade e equidade. Além disso, se apropria de fatos, retaliações e vicissitudes, peculiares à luta, para cantar versos de libertação.

Ao eleger lembranças que favoreçam a invenção de fios de memórias que remetam às experiências de resistências e vitórias, a voz poética, com

resiliência, decide esquecer, como é peculiar ao ato de memorar, como explica Pollak (1989), deixando para trás recordações que indiquem passividade e resignação, trazendo à tona o que, decididamente, se quer lembrado e, mais ainda, ficcionalizado.

Em “Silente nas tuas mãos”, também prevalece o tom político. O silêncio se (re)apresenta com uma voz subalternizada, mas não alheia às injustiças e desigualdades.

Não impeças o meu bocejo de fome de protesto
Quando o teu arroteo
Exala a fartura da tua boca.

E se o eco do meu protesto
Tocar o teu sobrado
Onde as sentinelas hirtas vigiam
A tua portentosa mansão.

Que mal te poderei eu fazer;
Não passo de poeira no asfalto da tua rua.
A minha miséria desfila esparsa nos arrebaldes por onde passas.
O meu país de petróleo e diamantes!
Sou um pária sem tecto! (FERREIRA, 2014, p. 15).

Com uma nuance irônica, a voz poética, Silêncio, apresenta um dizer de si como um ser, aparentemente, sem relevância diante daqueles que ostentam poder e riqueza, mas que deseja sentidos atribuídos como contraditos de si. O silêncio, mais uma vez, personifica-se, emitindo ecos de protesto. A sua aparente impotência e insignificância, frente aos alardes de riqueza e poder de quem os detêm, não é um dizer de submissão e de fraquezas. Ao contrário, aponta ciência do que lhes distanciam, bem como dos aparatos de sustentação das vanglórias de alguns em detrimento da miséria e aprisionamento de outros.

Vozes inquietas e indignadas também lamentam, em versos, cenários, eventos e cenas, assistidos, contrários aos princípios e exercícios de emancipação, democracia, desenvolvimento e cidadania. Em “Ressonâncias de um revoltado” (p. 21), “Rios de murmúrios” (p. 44) e em “A cobrança do meu voto” (p. 63),

há rastros disso, além do tom e do sentido se aproximarem daquele do poema “Tectos de rua” (p. 53).

[...]
Moro onde morre a luz
Vivo onde mora a miséria
Vivo perto de um riacho da água que não posso beber...
A minha decadência é para vós um documentário.

Moro onde a doença me abraça
A fome que vive em mim é um candeeiro aceso.
Embriago-me de esperanças no campo de escolha.
O meu voto é o engano de quem me engana.
Sou conivente cadastrando o meu destino na hora do voto (FERREIRA, 2014, p. 63).

Põe-se um eu lírico a cantar, poética e utopicamente, seu amor pátrio à Luanda, imbuído por sentimentos, ora marcados pela saudade e distâncias, ora pelo intenso desejo de retorno à mãe terra, (ma)pátria, como em “Angola meu fio de luz” (p. 45), semelhante a “O leito do silêncio” (p. 14), “Silente nas tuas mãos” (p. 15), “Gingas de Angola” (p. 36), “Luanda oceânica” (p. 60) e “Manancial de paz” (p. 70).

[...]
Bordam com os fios de luz. O tecido áspero do nosso corpo.
Os finos bordados são votos em alto mar... Vão com a
espuma!
A minh'alma em plena luz. O meu corpo em teu poder e ficar!

A minha vontade em brumas, entre partir
A agonia no olhar de quem me vê partir
Há quem estampe os lenços na despedida.

Terra, mar, coisas de cá que não são de lá!
Canais de desejos a bramir em mim
Mil pedaços de Luanda a luzir em ti...

O calor, o clima tropical com Kizomba.
Com damas que cuiam e parecem abelhas
Que chamam com garras em chamas.

Tudo gravado em mim...
Idealizo as cores de um porto de sonho.
Recrio a beleza de Luanda que não conheço [...] (FERREIRA, 2014, p. 45).

O silêncio, como uma entidade simbólica, performativamente, aparece multifacetado, em vários lugares, versos e estados, em diversos poemas: “Leito do silêncio” (p. 14); “Voz do silêncio”; “gestão do silêncio” (p. 22); “um estado de silêncios” (p. 26); “Colheita do silêncio” (p. 32); “Silêncio das horas” (p. 47); “estuprou-se de silêncio” (p. 56). Assim, o silêncio, na obra, extrapola sua suposta e/ou estabelecida natureza, ao deixar de ser tão somente uma situação ou estado de espírito, despontando também como ambientes, personagens e circunstâncias.

Colher verbenas dos campos
Do silêncio
Colher verbenas dos campos
Minados pelo silêncio [...] (FERREIRA, 2014, p. 32).

Nada me acolhe. Nada me acalma
Caminho no silêncio das horas
O Grande Espectador do Mundo capta sons e imagens [...] (FERREIRA, 2014, p. 47).

Musas eleitas à beira da esquina.
No nicho gemem e suam de fome,
A mamã de tão velha estuprou-se de silêncio [...] (FERREIRA, 2014, p. 56).

Embora, por vezes, no leito, o silêncio, além de apresentar-se fascinante e sedutor, personificado, mostra-se acordado. Travestido de vozes e corpos, ousa o árduo deleite e trabalho, poeticamente, de suscitar em leitores(as) cantos, gritos, ecos, lembranças, sussurros e sonhos de liberdade, talvez, adormecidos. Em “O leito do silêncio”, poema homônimo ao livro, uma voz poética desvela-se, trazendo à baila os vários leitos - moradas e abrigos - onde seu silêncio habita.

É no leito de espinhos que afago o anúncio
Do prelúdio do teu canto...
Espero-te, em infindas horas, no recanto do nosso leito!

É no leito do silêncio das avenidas
Que afago o cóis do grito
Na ingestão de bebidas, queimo a dor das esperas

Como povo que vota ao resvalo
E que traça a desgraça a cada eleição do pleito!
Assim somos nós!

Perco-me no sótão das avenidas!
No leito do silêncio à porta de prantos, a marulhar dentro de mim
Evado-me com quem me deito! Perdi a proa por ti.
Na foz do leito quebro as paredes
E as teias que me prendem a ti...
E concluo que:

- Amo a vida que não é minha!
Amo a Polis, que me trai,
E o governo, meu eleito, me entenece o peito! (FERREIRA, 2014, p. 14).

Outras vozes, (des)silenciadas, também instigam rasuras, na perspectiva de Jacques Derrida (2004); traduções para Stuart Hall (2000; 2006) e mobilizações de discursos sobre tradições e repertórios culturais de Luanda, visibilizados não só pelas imagens e imaginário, mas também pelos traços linguísticos. O passado e o contemporâneo se mesclam e se entrecruzam nas traduções culturais. Tensionam e confrontam-se, provocando outras experiências socioculturais a partir e com elementos de línguas, de origem banto, e vivências culturais ancestrais, de acordo com Padilha (2006), e históricas.

Em “Noite no Quimbo Angolano” (p. 37), a voz poética, insatisfeita com o presente luandense, semelhante ao “Estafeta do tempo” (p. 68), questiona, saudosa e ansiosamente, sobre legados e práticas culturais vividos em outros tempos e ausentes na atualidade.

[...]
Quem me conta uma história?
Quem me leva à floresta do Maiombe ou à sanzala do Golungo
Quem ousa chamar o soba para comigo sunguinar?
Quem? Já não há quem se sinta à roda da fogueira?

À lareira, quem me conta quem forma meus ancestrais?
Que tambores ouvirão meu canto na hora dos xinguilamentos?
Quem ecoará o nome de Uanhenga Xitu nos palmares, na quintanda
ou nas escolas? Quem?

Quem comigo caminha à luz do luar?
Quem me aponta o sol da noite?
E o caminho da igualdade?

Que mares e rios me ouvirão?
Que buala ouvirá os meus queixumes?
Tornei-me medrante! A palavra molda-se no meu peito.
Não há quem se afoite a me encorajar! (FERREIRA, 2014, p. 37).

Passeia também, nos versos de *O leito do silêncio*, o tom afetivo, dando a conhecer a intimidade do vivido no silêncio, como em “Nos braços das ondas”. Um eu se mostra, metaforicamente, livre para amar e ser amado e descreve, liricamente, prazeres, sentimentos, afagos e sensações.

Na maresia das minhas ondas. Nos braços das tuas ondas.
Tu és o meu Jango. Eu, a tua ondulação.
A cada alvorada cruzo-me no ritmo da tua kizomba
Contigo bailo. Sofro contente o meu viver de te amar
Partilho o meu canto, no canto do teu corpo,
Quando te amo, faço-me pluma em teus possantes braços! (FERREIRA, 2014, p. 24).

O amor se realiza no breve instante de ir e vir das ondas que lhe materializa. O ato de amar se dá semelhantemente ao clima de uma festa (Kizomba), em que se dançam e partilham-se corpos, sonhos, cantos e vidas. São muitos poemas permeados de traços de recordações e lembranças de vivências amorosas. Em “Na foz do mundo” (p. 30), “Singela malícia” (p. 31), “Na orla do teu corpo” (p. 34), “Retalhos de certezas” (p. 35), “Sou Vénus” (p. 42), “Possuindo o teu corpo” (p. 48), “Sensações” (p. 58), versos se dedicam a narrar momentos tão ardentes e intensos, quanto fugazes de afetos vividos nos recônditos dos vários leitos dos silêncios. Assim é também “O delito de uma paixão” (p. 64).

[...]
Adormece no meu colo, ardente Falcão
Acorda a tua fome, sou a tua Águia
Há uma raiz quadrada que me leva a ti.

Embala-te no meu corpo
Meu amado Falcão, preenche subnutrida os meus espaços
Não me deixes subnutrida de amor.

Escuta o meu bramido
Entre pausas e desmaios

Deixo rolar as juras de amor.

Enche a tua cisterna de ternura
E enquanto o amor perdura
Não deixes deserta a nossa ilha (FERREIRA, 2014, p. 64).

Apresentam-se, por vezes, falantes, a provocar diálogos e a tensionar interditos e abalos de certezas que infiram ou afirmem frigidez, passividade, negação ou silenciamento de desejos e libidos. Em “A voz do silêncio”, o silêncio é aliado da voz poética, gerando intertextos.

Curvou-se o tempo...

As paredes marcam as arestas da nossa equação
Peço-te três coisas a vanguardar:
Candelabro aceso, doçura nos lábios e ritmo na dança.

Oiço o prenúncio do Banquete de Eros.
Altivo-me ante o tempo...
Na gestão do silêncio, acendo a minha candeia!

Abro-me ao enlevo, qual cortina que esvoaça...
Na cadência dos passos caminho, qual Judite
Entrego-me à levidade do meu, teu corpo.

E nos vales ritmados das múltiplas noites
Falo-te das arestas e esperanças que nos orlam
O nosso tempo não é um tempo áureo.

No leito és como vento ao entardecer!
Os lençóis arquivam os nossos actos.
O vale da brisa do teu beijo não mais me despe...
Nem o aroma do teu beijo me ergue o desejo.
Não te rogo, exijo:
- Reinventa a vida entre nós...
Sem as centelhas da traição! (FERREIRA, 2014, p. 22).

Em *O leito do silêncio* passeia um elegante e abundante lirismo que inunda, vagarosa e intensamente, o/a leitor/a de sentimentos, sentidos diversos e de salutares inquietações. Com seu curso, percorrem, nos poemas, vozes que entoam seus sentimentos e paixões como podem se observar em “Sublime instante de amar” (p. 23), “Fenestra do sonho” (p. 28) e “Ao ritmo do Semba” (p. 29).

Transitam, inclusive, vestígios de sensações e experiências de ternura e prazer que apenas o silêncio de um leito escuta e é testemunha de carícias e sussurros dos segundos eternizantes de encontros amorosos. O silêncio, portanto, travestido de vozes, estados e dissonâncias, circula, em *O leito do silêncio*, cantando suas lutas, lirismos, sentimentos, dores, tristezas, narratividades, alegrias e sonhos.

Águas poéticas em *O leito do silêncio*

As águas também se destacam nos poemas. Tal signo furta a cena, disputando com o silêncio a centralidade discursiva, bem como desfilando nos versos com igual primor. As águas (en)cantadas aparecem multifacetadas, com diversas formas de armazenamento (corporificações), mas também de externalizações e rompimentos, a seguir seu leito.

Signos como maresia, ondas, cais, porto, leme, foz, brisa, mar, leito, sendo o rio a grande estrela, dentre outros, desfilam em *O leito do silêncio*. Oceanos, correntezas, inclusive, e, acima de tudo, mares e rios, circulam como entidades poéticas e, a um só tempo, são moradas de memórias, segredos, sonhos e afetos. Afinal, viver é navegar, quiçá, amar também!

Nas, pelas e com as águas, vozes poéticas (des)silenciam, e não cantam só o afeto entre duas pessoas, mas também forjam memórias das águas, ou mais precisamente, do rio. Além disso, cantam o amor já materializado e revertido em família como em “Cântico maternal”.

Noite...
A noite vestiu-se em cantos silentes.
A soneira vagueia entre os lençóis macios.
O materno embala o seu enfermo petiz.

O pai! Um ausente ou nunca presente;

Desconhece quem te aninha, quem te afaga!
Canta a mãe numa voz que esmaece.

Embala a dor de ambos.
O petiz cresceu. Comeu das mãos da mamã negra angolana.
Comeu: fungê e feijão!

O filho xinga aquela que um dia
Tantos dias o seu sono velou (FERREIRA, 2014, p. 20).

Tal exposição poética estende-se também nos versos de “No cais dos afectos I”, que se tecem imbuídos de significantes aquáticos e marinhos.

Sou um nicho de querências quando tu vens contente!
Chegas! Atracas no meu cais.
Sinto que o teu porto é o meu país...

Imigras em mim. Eu abrigo-me em ti.
Rasgas o meu colo. Flutuas no meu solo...

Há um estranho fulgor nos olhos dos teus olhos. Levito.
Leio a voz do teu silêncio de querença, inauguro-te em suaves brumas.

Eis-me vitrina da vontade!
Atraca no meu rio, rema até à foz.
Não remanches! Não baixes os braços! Nem desperdices o leme!
Emigremos ao cosmo que nosso! (FERREIRA, 2014, p. 25).

O sujeito amado, configurado como uma embarcação, encontra, naquele que ama, uma ancoragem. Ao convidá-lo a arriscar-se e a flutuar em seu amor, garante reciprocidade e cumplicidade. Ambos são mútuos abrigos plenos de vivências afetivas, o que lhes possibilitam, confiante e livremente, abandono ao amor e às aventuras amorosas. Desvelar-se, afetivamente, reaparece também em “No cais dos afectos II”.

Encadeio a tua escuridão.
Perdido no teu convés, o tempo silente cochila.
Há um estado de silêncios!
A brisa afaga o nosso momento.
Incendeias em pequenos instantes. Acendo o meu umbral.
No celeiro do amor, o rio é eterno e lento o desaguar.
Sedento, quedo-me à tua espera num leito de rosas!
E assim atraco no cais do nosso ponto do mar.
A canoa ondula e tu fumegas enquanto perdura a espera (FERREIRA, 2014, p. 26).

Elas – as águas – despontam como moradas de lembranças e memórias e, concomitantemente, abrigos de sonhos e constructos de vozes poéticas femininas altivas. Com seu curso e movimentos, elas deságuam, através dos versos, um imensurável canto ao belo, ao vivido e ao que está por vir imaginado e ainda inimaginável.

Como não lembrar, neste ínterim, da Poética das Águas de escritoras negras brasileiras, tais como Rita Santana, Mel Adún e Livia Natália, dentre tantas outras. O poema “Água negra”, de Livia Maria Natália de Souza Santos³, tem as águas, não tão somente como tema, título ou lugar de narrativas, mas também como constituição do eu poético, quiçá, autoficcional, segundo Alba Olmi (2006), Lejeune (2008) e Santiago (2012) e de seus próprios versos.

Chove muito na cidade.
No asfalto betumoso um sangue transparente,
ora de um rubro desencarnado,
ora encardido de um cinza nebuloso,
é vomitado em cólicas
por toda a parte.
Das paredes duras vaza um mais escuro que,
imagino,
seja a água mordendo as estruturas.
A água é assim:
atizada do céu,
infinita no mar,
nômade no chão pedregoso,
presa no fundo de um poço imenso:
a água devora tudo
com seus dentes intangíveis (SANTOS, 2012, p. 33).

³ Livia Maria Natália de Souza Santos é natural de Salvador - BA. É ganhadora do Concurso Literário do Banco Capital em 2011, Categoria Poesia, com o livro *Água negra*. Lançou, em 2015, *Correntezas - outras águas marinhas* (poemas) e, em 2016, *Água negra e outras águas*. É Mestre e Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é Professora Adjunta de Teoria da Literatura da UFBA.

Nesse poema, com o título homônimo ao livro, a água das chuvas tem feições múltiplas: indica um estado da natureza de uma cidade, insinuando uma temporalidade, que se espalha por vários espaços e, respectivamente, é descrita pelo sujeito poético, em um ato da imaginação, como um ser, ainda que fenômeno, vigoroso, bravo, devorador e indomável. Do chão ao poço, a água segue seu curso e destino, ao mesmo tempo, presa, nômade e infinita.

Dominadora, incolor por natureza, a voz poética reverte tal traço, revestindo-o de multicores: sangue transparente, rubro desencarnado, encardido, cinza nebuloso, um sangue mais escuro. Diferentemente de “Água negra”, em que a água é uma personagem apresentada com toda sua exuberância e múltiplas faces, no poema “Asé”, a Água é a voz poética, haja vista que, além de se autodeclarar árvore negra de raiz nodosa, seta, ferro das armas, sal das águas, é também água e tempestade.

Sou uma árvore de tronco grosso.
Minha raiz é forte, nodosa,
originária,
betumosa como a noite.
O sangue,
ejé que corre caudaloso,
lava o mundo e alimenta
o ventre poderoso de meus Orixás.
A cada um deles dou de comer,
um grânulo vivo do que sou
com uma fé escura,
(borrão na escrita do deus de olhos docemente azuis).
Minha fé é negra,
e minha alma enegrece a terra
no ilá
que de minha boca escapa.
Sou uma árvore negra de raiz nodosa.
Sou um rio de profundidade limosa e calma.
Sou a seta e seu alcance antes do grito.
E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade
e o ferro das armas.
E ainda luto em horas de sol obtuso
nas encruzilhadas (SANTOS, 2012, p. 33).

Reconhecer-se água é muito mais que um eu metafórico, inventado pela linguagem. Auto-afirmar como um rio, feito de limo e calma, em um ato

performático, é mostrar-se forte, insolente, única e perseguir o projeto de auto-constituição pela e com a escrita, segundo Klinger (2006). Tal evento realiza-se em cada cena cotidiana e se renova com fios e fiapos de lembranças e recordações que criam memórias individuais e coletivas, conforme Santiago (2010) e tão bem se apresentam nos versos de *O leito do silêncio*.

Assim, águas bravias dos rios e dos oceanos Atlântico e Índico, de acordo com Chaves (2006), metaforicamente, (re)encontram-se e seguem o seu leito. Em busca da vida, semelhante às águas, escorrem, desmobilizando fixidez e verdades. Águas, magnífica e (en)cantadamente, flutuam, aqui e lá, surpreendentemente, águas poéticas.

Um canto às negritudes africanas femininas

Em *O leito do silêncio* ainda adquirem destaques versos que afiançam traços identitários de múltiplas figuras femininas africanas, mesclados por diversidades e inerências. Com esses sentidos, se garantem espaços e possibilidades de cantos negros femininos, os quais tecem outras vozes negras em “Os quadris das Musas” (p. 56); “Os calundús de Amália” (p. 61); “Nksi Konde” (p. 69), bem como em “Simplesmente negra”.

Sou negra...
Trago a ternura na tez.
Na voz flui o bálsamo da minha fronte.

Sou negra.
E sou senhora de plácidos desejos.
Trago a alfena no dorso, guardo a dor rendilhada no bolso.
Trago no peito a marca tecida do teu despeito.
Trago solta a saudade da alma angolana.

Sou negra.
Sou senhora de lágrimas no olhar

Senhora de mãos rubras.
Senhora de corpo firme
De andar esguio, de remexer não vadio...

Sou Negra! Sou Senhora de mim mesma!
Sou palanca negra!
Teimo em cultivar amor, no terreno árido.
E na dor, amar-te-ei sempre!
Até que finda a vida dar-te-ei amor! (FERREIRA, 2014, p. 43).

Constituição de si, como prática de autonomia, de acordo com Foucault (1997), ecoa, nesses versos, acompanhados de desejos e experiências, simultaneamente, e de empoderamento da voz poética que se autodeclara negra, palanca, senhora de si, terna, fiel, teimosa, plena de amor e, acima de tudo, humana. Tal discursividade nega possíveis marcas de subjugação, servilismos inventados, no passado, pela linguagem literária, segundo Brookshaw (1983), e retroalimentados, por vezes, no presente como afirma Santiago (2012). Isso é reverberado em “Sou Vénus”.

Não sou pura, nem sou puta!
Sou musa, sou deusa do mar!
Não sou tonta nem sou santa...
Sou *mater!* Sou Vénus! Sou Isis!

Sou a que rasga o corpo na luta para dar vida.
A que vende o corpo mais do que a vida lhe dá.
A que entra no convés da vida e dá remo ao sentido da vida.
Sou eu!

E já que a bonança se distanciou de mim,
Cafumbando o que não tenho!
Soletro a lividez, mas não a frigidez!
Sou lívida, mas não sou frígida! (FERREIRA, 2014, p. 42).

O eu lírico feminino negro, com uso de qualitativos, não tão somente se caracteriza, mas se auto-representa demasiadamente humana, por isso reúne perfis de diversas figuras femininas, tais como *mater*, Vénus e *Isis*. Um canto à negritude feminina é entoado como marcas de auto-representações que destecam vestígios de ditos marcados por visões sexistas, euro e etnocêntricas, de acordo com Brookshaw (1983) e Santiago (2012), e ressaltam contraditos que salientem exercícios de micro-poderes, de acordo com Foucault (2002). Assim, identidades e diferenças, segundo Derrida (1971) e Hall (2000; 2006), entrecruzam-se como sinalização precípua de práticas discursivas nos versos do

poema “Mulher da Tonga”.

Mulher de tonga! Mulher do campo!
Mulher do silêncio! Mulher guerreira!
Sou eu!
Sou eu!
Sou eu!

Mulher rendilhada de fino tecido, no olhar
Mulher de pedra, que talha o sorriso no valor da vida,
Sou eu!
Sou eu!
Sou eu!

Os meus braços são uma manta de retalhos.
O meu porte um painel afectivo...
Parte de mim foi silenciada por ti.
Provoca-me!
E parirei as ondas e calemas que há em mim! (FERREIRA, 2014, p. 38).

A voz lírica feminina auto-afirma, repetidamente, a mulher que, apesar de forte, acolhedora e sorridente, é silêncio e, a um só tempo, é silenciada. Essa figuração indica que a liberdade e a equidade ainda não foram alcançadas em plenitude e de modo satisfatório. Aponta ainda que, embora ciente de si e de sua potencialidade e conquistas, é uma voz lírica feminina em luta permanente, logo em processo de emancipação.

Identidade autoral também é tecida em versos de *O leito em silêncio*. Assenhorada, uma voz poética também se constrói autora de uma escritura que também, com e por ela, escreve e inscreve-se como poeta, “lavradora de palavras” (p. 69). Cria versos pautados em desejo de amor e vida.

Escrever torna-se, indubitavelmente, reescrever-se e, ao mesmo tempo, se inscrever em novos lugares, discursos, imaginários, papéis sociais e vivências que demarcam práticas discursivas interseccionadas por lirismos, afirmações, desconstruções e múltiplas formas de empoderamento, segundo Santiago (2010). Neste sentido, o poema “Na lavoura do teu âmago”, uma voz poética autoral autoriza-se a escrever como quem *lavra* versos emancipados, logo tecidos por sonhos, escolhas e liberdade.

[...]

Sou lavradora de palavras,
Na lavra do teu âmago
Semeio sementes de amor.

Cultivo frutos perfumados,
Trago da minha colheita
Um menu de vinhos agridoces.

Sirvo-te um manjar suculento.
Peço-te presente na hora da ceia.

Na genuína lavra minha
Há uma flora que perfumará o caminho do teu campo.
Lavrada a terra... Não te vais embora!

Ouve o gemido da minha palavra!
Inebria-te com os frutos da minha lavra
E bebe do vinho doce do meu vale! (FERREIRA, 2014, p. 27).

Vozes poéticas, senhoras de si, entoam versos que exaltam identidades, afirmando circunscrições étnico-culturais, profissionais dentre outras. Além disso, sinalizam, nos versos, que a liberdade ainda não é realidade vivida em sua inteireza. Afinal, tornar-se mulher negra, palanca, forte, guerreira, lavradora de palavras é, ao fim, ao cabo, nos versos, um árduo exercício de auto-constituição, auto-governabilidade e auto-interpretação, de acordo com Foucault (1997), talvez, uma prática discursiva permanente de construção poética de si e de busca de protagonismo na arte de existir e resistir.

À guisa de conclusão

Ressalta-se que, em *O leito do silêncio*, as marcas discursivas reforçam, quase de modo exaustivo, a busca da libertação das vozes silenciosas e silenciadas que se apresentam nos versos. As vozes poéticas, nesta perspectiva, atuam como militantes, de modo repetitivo, com palavras de ordem em prol de autonomia e emancipação poética feminina em territórios identitários e geográficos.

A intertextualidade aparece como recurso figurativo relevante de construção de *pontes discursivas* para a apresentação dos poemas. A autora, através de paráfrases e citações, que antecedem ou integram os poemas, apresenta-se como uma leitora voraz de histórias, tradições, realidades, oralitura, conforme Secco (2008) e Gomes (2008), de textos dos mais distantes e atemporais aos mais próximos da contemporaneidade.

Isabel Ferreira demonstra ter compromisso com as várias tradições da palavra, ao circular por vários mares, oceanos e continentes da palavra, em especial, a literária. Neste íterim, chamo a atenção para os diálogos intertextuais estabelecidos por ela com escritores/as brasileiros/as. Isso não é novidade na literatura produzida por escritores da chamada África Lusófona, sobretudo por aqueles categorizados por modernistas. A sua singularidade, em *O leito do silêncio*, é a referência aos/às autores/as afrodescendentes como Miriam Alves (p. 25), José Carlos Limeira (p. 30), Carlos Vilarinho (p. 38), Jamu Minka (p. 39), Alessandra Martins (p. 43).

No livro aqui apresentado, o silêncio transmuta-se, como vimos, em meio a outros temas como amor, fome, justiça social, democracia, águas, identidades, dentre outros. Empoderado, ele transita entre os versos com voz altiva. Atravessa, nos poemas, ora com uma singeleza, típica de vozes femininas encantadas e fortes, ora destemidas, encantadoras, resistentes, mas também suscetíveis às dores, saudades, como em “Ode à Fátima Fonseca Aguiar” (p. 17), alegrias, tristezas e tantos outros sentimentos e experiências de (des)afetos. Tal multiplicidade temática e de vozes que permeia todo *O leito do silêncio*, aponta que mais leituras precisam e, talvez, devam ser realizadas, a fim de que desponham outras interpretações dos silêncios e das águas que percorrem ao longo de seus versos.

Referências:

- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BROOKSAW, David. *Raça e cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Col. Novas Perspectivas, v. 7).
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. (Col. Ensaíos Latino-americanos, v. 1).
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; SECCO, Carmen (Org.). *Brasil África: como se fosse o mar fosse mentira*. São Paulo; Luanda: Edunesp; Chá de Caxinde, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Escritura e diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- FERREIRA, Isabel Vicente. *O leito do silêncio*. Luanda: Kujiza Kuami, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 17. ed. Rio de Janeiro: Grall, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FOUCAULT, Michel. Escritas de Si. In: _____. *O que é o autor?* Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3. ed. Lisboa: Vega, 1997.
- GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica*: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Edunicamp, 1996.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista*

Projeto História, São Paulo, n. 10, 1997.

OLMI, Alba. *Memórias e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2. ed. Niterói: Eduff, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, 1989.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.

SANTIAGO, Ana Rita. Memórias literárias e a escrita de si/nós de autoria feminina negra. *Revista da Pesquisa e Pós-Graduação*, Ouro Preto, v. 10, p. 67-73, 2010.

SANTIAGO, Ana Rita. *Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações*. *Fólio - Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 20-37, jan.-jun. 2010.

SANTIAGO, Ana Rita. *A literatura de escritoras negras: uma (des)silenciadora e emancipatória*. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, Aracaju, v. 10, p. 175-188, 2010. Disponível em: <http://www.200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/.../INTER11_15.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 1, p. 91-102, 2010. Disponível em: <www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>. Acesso em: 13 abr. 2017.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. *Água negra*. Salvador: Banco Capital, 2011.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão; PORDEUS JR., Ismael A. Candomblé/Umbanda: tradições e memória em questão. In: MARTINS, Cléo; LODY, Raul (Org.). *Faraimará, o caçador traz alegria: Mãe Stella, 60 anos de iniciação*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

Recebido em: 24 de maio de 2017.
Aprovado em: 28 de novembro de 2017.